

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

1-1-1977

1977 Vol. 09: Libermann-Missionário...

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1977). 1977 Vol. 09: Libermann-Missionário.... Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/9>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

A PALAVRA do SUPERIOR GERAL

Janeiro de 1977

LIBERMANN- MISSIONÁRIO...

*"O carisma recebido pelo Fundador encontra a sua verdadeira expressão na atitude daqueles que entre nós querem levar mais longe a sua experiência religiosa e a sua intuição apostólica. A voz do Espírito Santo, que se manifesta nas nossas aspirações e angústias comuns, indica-nos como devemos viver este dom na Igreja de hoje."
(XXº Capítulo das Carmelitas de Vedruna)*

Meus irmãos,

O 2 de Fevereiro de cada ano faz-nos evocar a estatura daquele que nós chamamos "o nosso Venerável Padre".

A sua vida foi uma grande aventura espiritual. Tendo-se Deus apoderado dele e tendo-se ele entregado a Deus, o prisioneiro do "ghetto" judeu encontra uma extraordinária liberdade, que ultrapassa os condicionamentos físicos, psicológicos, sociais e culturais em que tinha vivido até ali. Com os seus companheiros lança-se à Evangelização da África.

A sua experiência : avançando passo a passo no caminho da liberdade, deixa atrás de si, progressivamente, as diferentes etapas do seu itinerário : Saverne, Paris, o seminário, Rennes, as perpécias da fundação, as fundações africanas, a fusão... O seu horizonte recua, à medida que ele avança, ultrapassando as barreiras, as fronteiras...

O seu sentido de Deus, dos homens e da vida foi-se tornando cada vez mais profundo, até atingir a paz profunda no abandono total à acção de Deus, e o sentido da liberdade inalienável de todo o homem, especialmente dos mais pobres, procurando-os, acolhendo-os, amando-os e libertando-os num serviço de respeito, que outra coisa não é senão o dom total de si mesmo.

Era isto o seu carisma. Libermann foi por ele tão fortemente marcado, que foi uma das maiores figuras missionárias do século passado, e soube comunicar o seu ideal, a sua visão, o seu dinamismo missionário a toda uma família religiosa que está consciente ainda hoje de haurir o seu espírito nesta fonte.

Mas um carisma, uma experiência de vida, é coisa única, original, que não se pode reproduzir. Se nós, Espiritanos, nos ligamos a estas origens, é porque nos reconhecemos, na nossa vocação missionária pessoal, no ideal que ele propôs e comunicou. É porque a sua experiência nos ajuda a aprofundar e a orientar a nossa e nos estimula a caminhar juntos, para viver, num mesmo espírito de criatividade, os apelos de hoje. "Só quando a lembrança do passado não for estranha ao mais profundo da experiência própria é que há uma forte probabilidade de que alguma coisa se passa." A.WILLEMS (Quelle place donner aux souvenirs?).

Nas páginas que se seguem é-nos apresentada uma parte do itinerário do P.Libermann, Libermann missionário. Oxalá elas vos ajudem a captar a sua actualidade para nós. Eu creio, de facto, que, na nossa experiência missionária actual, temos a experiência do nosso Fundador em momentos cruciais da sua vida, e as suas opções podem iluminar também o nosso caminho

- Como ele também nós hoje vivemos o começo de uma nova era missionária. Muito diferente da do século passado, é o seu acabamento e um novo ponto de partida. Mas como a primeira também não sabemos ainda onde nos levará o Espírito; tantas coisas estão por descobrir e um desafio é lançado à nossa capacidade de abertura e de mobilidade interior, ambas componentes da nossa fidelidade missionária.

- As circunstâncias levam-nos a recorrer sempre mais ao coração da nossa vocação, que é dar testemunho de Jesus, morto e ressuscitado, e da esperança que Ele abre à humanidade, prontos a reproduzir em nós os traços de Cristo sofredor...

- As origens da obra espiritana em África foram marcadas por provações e fracassos tais, que ela não deveria ter podido sobreviver: quantas coisas que pareciam não ter viabilidade, quantos projectos que pareciam ilusões, quantos missionários desaparecidos ao longo de poucos anos; até a própria unidade da Congregação parecia ameaçada por dentro.

- Quantas vezes eu penso nisso, quando sou testemunha de experiências dolorosas nos nossos dias ou de situações críticas: há uma luz a receber da fé e da capacidade de ultrapassagem destas situações, nos nossos começos, que, em grande parte, eram hauridas na inspiração que emana deste homem de fé e de esperança. Também nós temos necessidade duma mística missionária.

- Como o P. Libermann no seu tempo, assistimos hoje a uma exploração do homem pelo homem, e numa escala infinitamente maior do que nos escravos libertos de Bourbon e Haiti. Todos vós, em qualquer parte em que estejais, sois disso testemunhas e com isso sofreis. Como contribuir para a libertação do homem de hoje? Entre todas as propostas apresentadas, qual será a boa? Por qual delas devemos optar? Com qual delas devemos comprometer-nos? Como traduzir a nossa solidariedade com os pobres e os oprimidos?

As circunstâncias são diferentes. Não podemos encontrar no passado as soluções para hoje, mas podemos encontrar nelas, isso sim, o dinamismo dum olhar iluminado por Deus que penetra o mundo em profundidade, e a aceitação sem compromissos das exigências da nossa vocação.

Duas palavras de ordem têm ressoado ao longo de toda a nossa história espiritana:

- A Missão é obra de Deus. Deixemo-Lo agir, estejamos abertos ao impulso do seu Espírito: Deus tem a sua hora, o seu plano, os seus caminhos...

- A Missão é obra de uma comunidade. Bebamos as nossas forças na fidelidade partilhada com outros. Reencontremos, aprofundemos o espírito da comunidade. Ajudemo-nos, suportemo-nos mutuamente, encorajemo-nos, trabalhemos unidos.

"É importante criar um ambiente de vida, de que sejam parte integrante as grandes lembranças do passado. Então nascerá uma atmosfera de solidariedade e confiança em que, espontaneamente e por dentro, receberemos do passado o que reconhecermos como importante para o futuro. Então o passado mobilizar-nos-á. Despertará em nós experiências pouco exploradas, far-nos-á descobrir as nossas próprias possibilidades e o que temos a fazer..." - Willems, ibid.

Frans TIMMERMANS, C.S.Sp.

Superior Geral.

EQUIPA GENERALÍCIA

LIBERMANN—MISSIONÁRIOFUNDADOR

O P. TILLARD, O.P., numa conferência feita em Roma em Novembro último, classificou Libermann, no século XIX, como fundador extraordinário e carismático, embora pouco conhecido e pô-lo entre os grandes e célebres fundadores tais como Francisco, Domingos e Inácio. Sublinhou a necessidade de fazer uma distinção entre os fundadores cujo espírito e intuições devem ser fielmente aceites e reconhecidos, e os outros numerosos fundadores ou fundadoras de obras ou instituições que lhes sobreviveram, mas que não se podem considerar como fundadores cujo património tenha um valor permanente. Quanto a Libermann não pode haver qualquer dúvida: ele foi o instigador de um importante movimento missionário do século XIX. É sobretudo como missionário que Libermann deixou um "património" e inspirou a companheiros seus um "espírito e fins" que merecem ser preservados.

DIRECTOR ESPIRITUAL

Muitos de nós conhecemos Libermann como director espiritual. Mas entre os que têm escrito sobre o método de direcção e a espiritualidade de Libermann, muitos não têm posto suficientemente o acento sobre a dimensão missionária desta direcção e desta espiritualidade. Como consequência disso, concluíram que, como para muitos directores espirituais do século XIX, a espiritualidade de Libermann era individualista e ego-cêntrica. Isto pode ser verdade no começo, mas quando Libermann tomou consciência da sua missão e, portanto, dos sofrimentos e da opressão que pesavam sobre os escravos, orientou muitos homens e mulheres a consagrarem a sua vida a aliviar estes sofrimentos e a pôr fim à opressão. Tisserant e Le Vavas seur eram seminaristas com necessidade de ajuda e de direcção. Libermann tomou consciência de que uma espiritualidade que não tivesse em conta a sua solicitude de ajudar os pobres no Haiti e na Reunião ser-lhes-ia prejudicial e conduziria a negligenciar os necessitados. Tisserant e Le Vavas seur, porém, não eram os únicos. Rêgnier, de saúde frágil, que morreu logo nos dois primeiros meses da sua chegada a África, o primeiro dos discípulos de Libermann a morrer, escrevia: "*Se tivesse de recomeçar, fã-lo-ia mil vezes... Não trocãria a minha sorte por nada deste mundo.*" Eis o exemplo de um homem que soube apreciar a direcção que Libermann imprimira à sua vida.

O CONVERTIDO

Libermann viveu durante vinte anos no "ghetto" judeu de Saverne. Pôde ali experimentar o ódio mútuo dos judeus e dos cristãos e as injustiças que o seu povo teve de sofrer. Deixou o "Ghetto" e converteu-se ao Cristianismo. Foi um passo difícil, mas a iniciativa pertenceu a Deus e ele sentiu uma alegria profunda e cheia de paz. Doze anos mais tarde tomou consciência da condição dos escravos nas colónias e da exploração desumana dos africanos por parte de certos cristãos. Novamente se sentiu chamado a deixar um "ghetto" de outra espécie, e a fazer alguma coisa para ajudar um povo necessitado, um povo desprezado e maltratado por muitos. Era uma nova "conversão" de Libermann. Em muitos pontos esta conversão era tão verdadeira como a primeira, mas também frutuossíssima. "*Deixei Rennes para sempre. É uma grande imprudência - para não dizer loucura - segundo todos os que ajuízam das coisas como homens deste mundo. Lã tinha um*

futuro certo; estava seguro de ter com que viver e mesmo uma certa existência honrosa... Agora não tenho nada, não sei o que virei a ser, não sei sequer como poderei viver e existir; levarei uma vida desprezível, esquecida, desprezada, perdida segundo o mundo... Não tendes, pois, nem receio nem desconfiança; ficai sabendo que sou o homem mais feliz do mundo, porque não tenho senão Deus... vivendo ainda embora na terra, já estou no céu."

A MISSÃO DE CRISTO - Mal Libermann tinha deixado Rennes, quando um padre, durante dezoito anos director de um seminário, lhe fez esta objecção: "Que massacre você vai fazer se rouba este jovem (M. de la Brunière) à França para o levar consigo a evangelizar os Pretos!" Libermann devia ainda tomar consciência de que não se tratava simplesmente de si mesmo, da sua missão e da sua vida espiritual, mas também do envio de homens para uma missão difícil. Respondeu à objecção como uma ironia que nele não era habitual: "Então os que são fervorosos, fortes de carácter, esses têm de ficar todos na França... As vistas do Senhor são muito mais largas. Ele veio salvar todos os homens; sacrificou-se por todos, pelos mais desprezíveis como pelos mais distintos, e, por conseguinte, o seu espírito sacerdotal não é outra coisa senão espírito de reconciliação e de salvação para todo o género humano, e, por consequência também, os que têm a plenitude do sacerdócio do seu MESTRE devem estender a toda a terra a sua misericórdia."

Nesta resposta encontramos a chave da missão de Libermann. Cristo não exclui ninguém. Morreu por todos e os cristãos devem participar na missão de Cristo reconciliando as pessoas n'Ele. A vida de Cristo resume-se no seu oferecimento sacrificial na Cruz. O sacrifício de Cristo é um sacrifício de reconciliação. Ofereceu-se a si próprio para que todos sejam um, para que todos se tornem filhos do Pai comum. O missionário participa do sacerdócio de Cristo. É chamado a participar de certo modo no próprio sacrifício de Cristo, para reconciliação do mundo com Deus em Cristo. Cristo chama todos os homens para um mesmo aprisco. "Eu é que sou a porta..." Libermann comenta assim esta palavra do Senhor: "É necessário saber que os pastores são ao mesmo tempo pastores e ovelhas; Nosso Senhor é que é o único Pastor, e todos os outros pastores são ovelhas suas. Na própria ocupação da salvação dos outros, encontram a sua qualidade de ovelhas; de facto, se eles cumprem o seu pastoreio como deve ser, encontram nele a sua vida, e nesta sua mesma ocupação pastoral devem estar sob a conduta do soberano Pastor e ser suas ovelhas para d'Ele receberem tudo.. Vêm-se frequentemente pastores que defendem a religião, mas com uma tal aspereza e brusquidão que não se encontra em parte alguma; muito frequentemente são as suas próprias paixões que eles defendem... O Antigo Testamento era um aprisco, mas aprisco de práticas externas...; no novo aprisco o divino Pastor reunirá todas estas ovelhas, para formar delas um só e mesmo rebanho, e fazê-la entrar todas num só aprisco. O carácter essencial e único das ovelhas estará na alma, carácter formado pelo Espírito Santo, carácter que unirá todo o redil e tornará todas as ovelhas dóceis e maleáveis sob a acção do mesmo pastor." Não há distinção entre Judeus e Gentios, entre sacerdotes e fiéis; são todos um em Cristo, reunidos pelo sacrifício de Cristo num só redil.

ARTÍFICE DE PAZ - A reconciliação do mundo em Cristo é toda a missão dos cristãos. No seu tempo, Libermann via a escravatura como o exemplo mais terrível do ódio, da divisão, da alienação, da injustiça. A escravatura aceitava a exploração de um grupo por outro, com o maior prejuízo duns e doutros. Os escravos eram submetidos a condições desumanas, e os senhores eram corrompidos pela injustiça que impunham e pelo desprezo que mostravam por outros, que eram homens como eles. Nestas circunstâncias a tarefa do missionário era a seguinte: "Far-se-á tudo o que se puder para estabelecer entre ricos e pobres, brancos e pretos, aquela caridade cristã que faz com que todos os homens se considerem irmãos em

Jesus Cristo, para fazer desaparecer o desprezo e indiferença, as invejas e os ódios". Esta função de pacificador não implicava que o missionário devesse ser um espectador neutro, um defensor do "statu quo". "O partido dos Pretos tem por ele a justiça e o sentimento religioso; a justiça porque é oprimido; o sentimento religioso porque é infeliz e fraco; por conseguinte, deve excitar a comiseração e a necessidade de apoio, no representante de Jesus Cristo...

O que o partido dos Brancos chama "ordem" é mais ou menos um regresso ao "statu quo" existente antes da emancipação. "Isto diz respeito à situação nas Colônias em 1850.

PROMOÇÃO HUMANA - "A tarefa do missionário, o seu primeiro dever é promover não apenas o desenvolvimento moral mas também o desenvolvimento intelectual e técnico das pessoas". O princípio de base de Libermann era que o missionário estava nas missões para as pessoas e não as pessoas para os missionários". O Evangelho deve ser a Boa Nova. Dizer a um escravo que a sua condição era a condição querida por Deus, isso não era para ele boa nova, embora não lhe fosse também particularmente vantajoso dizer-lhe que era igual ao seu senhor. Alguma coisa tinha de ser feita para promover a igualdade e pôr termo às divisões. "Procurai sobretudo desenvolver-lhes bem o carácter, fazer sobressair o que nele se encontrar de bom, aproveitar disso para bem os educar, aperfeiçoar o que houver de defeituoso, desenvolver o que nele possa haver de espírito de actividade. É absolutamente necessário levantar a fraqueza de carácter destas boas almas, dar-lhes um certo vigor e fazer-lhes ver e sentir que são livres, fazer-lhes ver a beleza da liberdade e da igualdade que eles partilham com todos os filhos de Deus. A ideia de inferioridade deve ser apagada das suas almas... Quando tiverem sentido e compreendido bem que em nada são, por natureza, inferiores aos Europeus, isto é, quando prática e experimentalmente tiverem verificado esta verdade no íntimo das suas almas, parece-me que o seu zelo pela salvação e avanço dos seus compatriotas irá aumentar."

Promover o respeito por si mesmo e a dignidade humana é parte essencial da tarefa de reconciliação. O missionário poucas pessoas poderá atingir directamente, mas essas pessoas devem ser levadas a ajudar os seus compatriotas. "Devem ser educados de modo a que pouco a pouco já não precisem de missionários; se não receberem uma educação assim, ficarão sempre como crianças." Libermann estava convencido de que para os missionários o melhor meio de ajudarem as pessoas era viverem eles segundo o Evangelho de Cristo. Faça o que fizer, o missionário deve ser sempre o ministro do Evangelho, e não o propagador de uma filosofia ou ideologia humana. "É impossível que almas apenas com sentimentos baixos, sem qualquer visão da sua dignidade nem daquilo a que são chamadas, tenham energia para o bem. É, pois, necessário elevar os seus espíritos e fortificar os seus corações e vontades, mostrando-lhes o que a fé nos ensina quanto à sua origem e seu fim, ensinando-lhes que foi Deus que fez todos os homens, que Ele ama, tanto pretos como brancos, tantos os ricos como os pobres... A política e a filantropia com todas as suas lições não conseguirão mudar os corações destes povos; só a religião compete regenerar as nações." O Evangelho deve ser a Boa Nova.

HUMANIZAR E CRISTIANIZAR - "O padre é unicamente consagrado à salvação das almas... Alguns querem formar homens antes de formar Cristãos e isto é um grande erro. Os homens não são formados apenas pela fé e prática do Cristianismo." Se certas práticas cristãs se corromperam, isto não significa que se deva rejeitar o Cristianismo a favor do humanismo. A primeira missão de Libermann dirigia-se aos escravos; estes teoricamente eram cristãos. A lei em vigor nas Colônias francesas pedia aos senhores velassem por que os seus escravos fossem baptizados e praticassem a sua religião, isto é, assistissem à missa domingos

e dias santos. Se o Cristianismo era isto, então Libermann era a favor do humanismo. Esta forma de iniciação cristã para os escravos era uma paródia dos sacramentos cristãos. Para os padres nas Colônias "abandonar uma população à sua horrível desgraça, era imperdoável. O clero deixou-se subjugar pelos senhores; foi uma falta enorme. O clero deixou-se dominar por todos os preconceitos dos Brancos contra os Pretos; adoptou ou fez adoptar todas as suas prevenções; teve sempre medo de lhes desagradar". Para construir um estilo de vida cristão há muito mais a fazer do que simplesmente baptizar. Eis porque Libermann insistia tanto na educação e na promoção humana não como qualquer coisa de acessório ao Evangelho, mas como fazendo parte da essência da mensagem cristã.

Libermann analisara cuidadosamente a maior parte dos preconceitos habituais contra os escravos e os Africanos: falta de inteligência, imoralidade, inconstância, preguiça etc... Fez notar à Congregação da Propaganda de Roma e aos bispos das Colônias que os cristãos haviam sido culpados de juízos falsos e precipitados sobre pessoas, que, em vez de severas condenações, lhes deviam ter inspirado compaixão e vontade de ir em seu auxílio. Condenar os defeitos de um povo pobre e a sofrer, sem nada fazer para o ajudar, era a mais pura hipocrisia. Como é que um escravo não havia de roubar o seu senhor rico? Como acusar de preguiça as pessoas, se o seu trabalho servia apenas para fazer enriquecer os seus opressores? Como pretender que as pessoas não compreendem nada do Cristianismo, se não se faz qualquer esforço para lhes apresentar o ensino cristão de um modo adaptado e se os que dão este ensino não vivem em conformidade com o que dizem?

"É espantoso como Nosso Senhor ama e prefere as pessoas simples e de espírito dócil. Nicodemos era bom, observador da Lei, e esperava a redenção de Israel. A Samaritana era mãe e estrangeira, pertencia mesmo a uma seita herética, e Nosso Senhor dá a esta mulher, sobre a sua pessoa, um conhecimento mais exacto que a Nicodemos... Os que são maus são por ignorância, e que não têm malícia no seu espírito, são muito fáceis de converter, enquanto que aqueles que vivem numa corrupção cheia de malícia e têm o espírito cheio de orgulho, esses têm um grande obstáculo à entrada da fé nas suas almas."

Libermann teria feito numerosas reservas sobre o que chamavam virtude, cultura, desenvolvimento e educação. O missionário não devia aceitar com demasiada facilidade as ideias recebidas sobre pessoas e coisas. O ódio não é cristão para o rico, como também não o é para o pobre, mas frequentemente o rico e o homem instruído não podem ser convertidos e salvos senão pelo pobre. Com frequência o homem rico e o homem instruído se encontram eles mesmos numa espécie de escravidão e não podem dela ser libertados senão por um sentido humano e uma caridade autênticas por parte de pessoas simples e vulgares.

O PLANIFICADOR - Libermann nunca esteve nas missões e é por isso que o consideram mais como director espiritual do que como missionário. E, no entanto, ele era um técnico da missão. Estava convencido de que pouco bem se poderia fazer, se cada qual agisse por seu lado, ao sabor do capricho de cada momento.

Já o dissemos, e nunca seria demais repeti-lo, que para triunfar, com a penúria dos meios de que dispomos, não nos basta certamente ir ao acaso com o pensamento geral de converter os infieis. Temos de nos propor desde o princípio um resultado mais sério, mais positivo e concreto. Para conseguir este resultado é necessário, desde o princípio, fixar um conjunto de meios, que na sua totalidade e em todo o seu alcance, tendam eficazmente a fixar invariavelmente ao solo a nossa santa religião. Ora para isso precisamos de um plano premeditado e de uma organização hierárquica muito forte. Para obter um resultado estável, precisamos... de uma grande paciência e perseverança. Sem plano e sem organização não há ordem, e, onde não houver ordem, é impossível também que haja perseverança e êxito."

Libermann elaborou um plano, apresentou-o à Propaganda e discutiu-o com os seus missionários. Era um plano para o seu tempo e para a situação das missões naquela época. Não é necessariamente um plano adaptado às condições hodiernas, mas dá-nos um apanhado do espírito e dos fins do nosso fundador.

Os primeiros missionários na África foram convidados a formar líderes. Deviam promover a educação, a agricultura e as artes e ofícios. Os que fossem formados nestes diferentes ramos deviam ser instruídos sobre a religião cristã de tal modo que tivessem a preocupação de fazerem os outros beneficiar dela. A educação devia tender a criar a unidade e a harmonia entre as pessoas e devia evitar cuidadosamente criar classes diferentes na sociedade. Parece que Libermann teria querido um seminário em África donde saíssem líderes em todos os domínios e não apenas padres. Os estudantes esperava ele que se orientassem para diferentes carreiras, entre elas o sacerdócio. Alguns deles que não quisessem avançar para o sacerdócio, poderiam querer participar do ministério da Igreja, e os Bispos deviam ter o poder de lhes conferir as Ordens menores encorajá-los a servir cristãmente os outros. Os missionários deviam estar prontos a trilhar novos caminhos na pregação do Evangelho e na implantação da Igreja. São o tempo e a experiência poderiam determinar o que era válido: sem experiências seria imprudente ter uma ideia demasiado precisa sobre o que seria necessário fazer.

O ESPIRITO E OS FINS - O Vaticano II pede aos religiosos que preservem e desenvolvam o espírito e os fins dos seus fundadores e velem pelo patrimônio que eles deixaram aos seus discípulos. Objecta-se às vezes que no caso de Libermann este patrimônio é dificilmente acessível. Diversos trabalhos foram feitos para o tornar mais acessível. Mas há um meio de ter uma ideia da herança deixada por Libermann. Na história da expansão do Cristianismo o século XIX é considerado como "o grande século". "Na sua extensão geográfica e na sua influência, no século XIX, o Cristianismo desempenhou um papel muito maior na história humana do que durante todos os séculos anteriores". (Latourette). Libermann foi um dos pioneiros do movimento missionário em África durante esse século. É possível que a história das Missões da África nos dê uma ideia mais clara do espírito e dos fins do fundador, mais do que os seus escritos.

Acabamos de assistir a um Concílio Ecumênico em que os Africanos, pela primeira vez na História, estiveram representados pelos seus bispos. Sem dúvida que a representação das jovens Igrejas influenciou o Concílio e desempenha ainda um papel bem definido nas orientações tomadas pela Igreja post-conciliar. Várias destas Igrejas podem, de uma forma ou de outra, procurar a sua origem em Libermann. Neste sentido, o seu patrimônio é partilhado pelo conjunto da Igreja de hoje. Participar no desenvolvimento destas jovens Igrejas, aprender delas, sentir com elas, tentar compreender os seus problemas, apreciar as suas intuições, tudo isto é um meio muito real e bem que indirecto, de participar no patrimônio de Libermann e de conservar o seu espírito.

Dirigir todas as comunicações a : P. H. Littner
 Service d'information
 Congregazione dello Spirito Santo
 Clivo di Cinna, 195 - 00136, Roma, Italia.

